

I&D

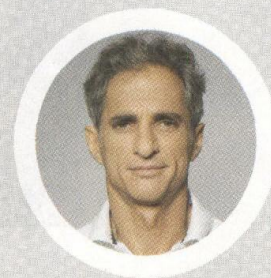
INVESTIGAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

TECNOLOGIA ANTI-COVID: NÃO FAZ BEM NEM FAZ MAL

Equipamentos ultra-violetas para eliminar o coronavírus do escritório e do telemóvel, tapetes desinfetantes, álcool gel com fartura.

Será que tudo isto vale mais que sabão e água na prevenção do contágio?

Texto: Sara Sá Fotos: D.R.



"Recebemos de tudo para ser testado, até vinagres e molhos", refere Pedro Simas, virologista e investigador do Instituto de Medicina Molecular (IMM), que tem coordenado as operações de certificação relacionadas com o coronavírus. Foi a sua equipa que validou, por exemplo, as primeiras máscaras com capacidade para eliminar o vírus a entrar no mercado, desenvolvidas pela Adalberto. Se na maior parte dos casos a alegação até é verdadeira, ou seja, os produtos matam mesmo o coronavírus, Pedro Simas classifica a estratégia dos fabricantes de "oportunismo". Isto porque este agente infeccioso está no nível mais baixo de resistência a agressões. "São vírus muito frágeis e fáceis de eliminar. Qualquer detergente consegue desfazer a membrana fosfolipídica que o envolve e destruí-lo", explica. Além disso, já se tornou claro que a transmissão do vírus pelos objetos e superfícies é praticamente nula. "A transmissão ocorre por gotículas e tudo o que são objetos inanimados não são meio de contaminação. A porta de entrada do vírus é a orofaringe." É por isso que o especialista classifica como "desnecessárias" medidas como a desinfecção das ruas ou das mesas num restaurante. Se mesmo assim fizer questão de se valer da tecnologia para se proteger do SARS-CoV-2, convém ter em atenção ao seguinte:



LUZES ULTRAVIOLETAS

Ainda antes de se conhecer o seu mecanismo de atuação, a luz já era usada com o propósito de eliminar germes, sobretudo em instalações médicas. É particularmente eficaz a radiação ultravioleta C, a mais energética na gama dos ultravioletas, e que fica quase toda retida na camada de ozono, não chegando à atmosfera terrestre. Durante a pandemia, os aparelhos com luzes de UVC começaram a ser comercializados com a alegação de que eliminavam o coronavírus – o que em estudos laboratoriais ficou demonstrado que acontecia, pela destruição da membrana que envolve o vírus. E hospitais e aeroportos portugueses têm estado a usar um robô de UVC, desenvolvido pelo InescTec, na eliminação do vírus. Para que em casa os resultados sejam os mesmos é preciso ter atenção a alguns requisitos, como alerta a FDA e a Organização Mundial de Saúde:

- A UVC só mata os germes por contacto direto. Quer isto dizer que se uma superfície estiver à sombra ou coberta de pó não tem qualquer efeito
- A maior parte dos aparelhos domésticos são de baixa dosagem, até para não causar danos na pele e nos olhos. Isto exige mais tempo de exposição, que não está ainda bem calculado para o SARS-CoV-2. Para maior garantia, convém escolher equipamentos certificados por testes feitos em laboratórios de referência, com indicação precisa sobre o tempo de exposição necessário e área de atuação. Como é o caso do equipamento feito em Portugal, Violet Ultra Cleaner, que tem uma versão para grandes áreas e outra para utilização doméstica e está validado pelo Departamento de Engenharia Biomédica da Universidade de Coimbra.
- Alguns equipamentos podem gerar ozono, um gás irritante para as vias respiratórias



TAPETES DESINFETANTES

Uma das primeiras medidas adotadas em casa e em locais públicos foi evitar o contágio através dos sapatos. Entranhou-se o hábito de deixar o calçado à porta de casa e alguns locais muito frequentados instalaram uma espécie de tapetes com desinfetante à entrada das instalações. Se é verdade que esta medida por ser eficaz para manter os espaços mais limpos e sem germes. Mas como medida de prevenção do contágio do coronavírus não terá grande impacto. Até porque como se pode ler na página da OMS dedicada a desmontar mitos da Covid, a "probabilidade de os sapatos propagarem a Covid-19 é muito baixa".

SCANNERS TERMAIS E AQUECEDORES DE MÃOS

É um alerta que a Organização Mundial Saúde (OMS) faz questão de manter na página dedicada a desmontar mitos da Covid: os scanners térmicos, colocados em aeroportos, empresas e unidades de saúde, medem a temperatura corporal, mas nada dizem sobre a infeção por Covid. Também não é verdade, alerta a OMS, que os aquecedores de mãos tenham algum efeito a eliminar o vírus.

